

Correio das Artes

Ano I Número 4 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 17-4-1949



Huxley e a Inteligência

LOPES DE ANDRADE

NOTO que Aldous Huxley, esse jovem e famoso neto do velho Huxley, que foi companheiro de Darwin, não desperta muito entusiasmo nos nossos meios literários. Por que? Aldous é o tipo do intelectual cem por cento. Seus livros, que ergam por uma dezena, são dos mais lidos em todo o mundo e pertencem à melhor categoria da literatura mundial. Que razão misteriosa leva os intelectuais brasileiros a não estimá-lo — pelo menos a não estimá-lo tanto quanto a um Gide, a um Mauriac ou a um Proust? Reli há poucos dias um livro de Aldous Huxley: "Também o cisne morre". É um romance neo-realista, no qual são focalizados seis personagens principais: um velho milionário norte-americano, assombrado com a ideia de sua morte próxima; uma jovem católica e esportiva, a quem o milionário toma como protegida por um mixto de razões virtuosas e sexuais; um filósofo jeffersoniano, amigo de infância do milionário; um jovem biólogo, que havia lutado na Espanha contra o general Franco e está apaixonado pela protegida do milionário; um médico clínico, que conta anedotas doces, produz ardores eróticos na jovem católica e tem sob seus cuidados a saúde do milionário; e um erudito inglês, a quem o milionário faz contratar na Inglaterra para vir catalogar certos documentos antigos que havia adquirido por fabuloso preço.

O ambiente do romance é a Cidade de Los Angeles, na Califórnia, onde o milionário tem uma espécie de Castelo, no qual residem os personagens principais, com exceção do filósofo jeffersoniano que, fiel a sua doutrina, construiu sua própria residência e nela vive à sua própria custa, nos arredores do castelo.

Huxley é formidavelmente inteligente: eis aqui talvez a explicação de seu pouco sucesso entre nós.

"Naquela manhã Virginia dormiu até cerca de dez horas e, depois do banho e do café, ainda passou uma hora e tanto na cama, de olhos fechados, recostada, imóvel, nos travesseiros empilhados, como uma bela e jovem convalescente que acabasse de

emergir do vale das sombras.

O vale das sombras da morte, das grandes mortes e de todas as pequenas mortes. A morte é o caminho da transfiguração. O que quiser salvar a vida deve perdê-la. Homens e mulheres vivem tentando perder a vida — a vida corrupta, inútil, sem razão de ser, de suas personalidades vulgares. Sempre tentando livrar-se delas por mil e um processos diversos. Pelo frenesi do jogo e do proselitismo religioso; pelas monomanias da avarizia e da perversão, das pesquisas científicas do sectarismo e da ambição; pelas alucinações compensatórias do álcool, da leitura, do devaneio, da morfina; pelos delírios do ópio, do cinema e do ritual; pelas selváticas epilepsias do entusias-

mo político e do prazer erótico; pelos estupores do veronal e da exaustão. Escapar; esquecer a velha e fastidiosa identidade; converter-se em outrem ou melhor em outra "coisa", em um mero corpo estranhamente entorpecido ou mais sensitivo que de ordinário; quando não, um mero estado de espírito impessoal, um modo de consciência desindividualizada. Que felicidade! Que alívio divino!

"... quando o doutor Obispo lhe proporcionara cientificamente a fuga para uma epilepsia erótica, mais excruciantemente intensa do que qualquer outra sensação conhecida ou imaginada, Virginia percebeu haver no fim de contas, algo em sua existência que precisava de alívio, e que este mergulho de cabeça, através de uma consciência mais intensa e completamente estranha, na treva do esquecimento total, era precisamente o alívio necessitado.

"Mas, como todos os outros vícios — sejam eles o dos livros, o dos entorpecentes, o do aplauso ou o do poder — o vício do prazer tende a agravar a própria condição que, temporariamente, alivia. O vício do desce ao vale das sombras na sua mortezinha particular, desce infatigável e desesperadamente, à procura de algo diferente de si mesmo, algo diverso e melhor que a vida que vive miseravelmente, na condição de pessoa humana, no mundo hediondo das pes-

POEMA DO CLARINETISTA

FERNANDO SANTA CRUZ

EU vi os braços da mulher na praia,
escondidos a gregos e troianos.
De azul vestida e, como um clarinete,
me lembrando canções de outras auroras.

Como rios de luz foram seus olhos
definitivamente adormecidos
no mar que me roubou sua presença
e a palavra que eu quis e não me veio.

Depois o mar, entre sol frio e lua,
os braços da mulher de azul (tão alva!)
às algas entregou, ante madrêporas.

— Que fazer se deserta a praia branca
ficou sem a mulher de azul cantando?
Amar num clarinete sua ausência.

soas humanas. Desce — e, ou violentamente, ou em deliciosa inércia, morre e se transfigura; mas morre só por algum tempo, só se transfigura momentaneamente. Depois da pequenina morte, dá-se a pequenina ressurreição; ressurge-se da inconsciência, da excitação auto-aniquiladora, para a mísera consciência da solidão, da fraqueza, da indignidade, para uma separação mais completa, um senso mais agudo da personalidade. E, quanto mais aguda a sensação da personalidade separada, mais urgente a necessidade de uma nova experiência paliativa de morte e transfiguração. O vício alivia mas, aliviando, aumenta as dores que necessitam de alívio...

Não gostamos absolutamente, de autores assim muito in-

teligentes, sobretudo dessa inteligência notavelmente recheada de cultura, muito sólida e profunda, como é a de Huxley. Isto cansa a média dos nossos leitores, abafa-os, entedia-os. Não porque Huxley seja efetivamente cansativo ou entediante, mas porque somos espantosamente incultos, e uma brilhante erudição ou um brilhante cientifismo produzem este efeito contrário sobre a nossa sensibilidade: achamos muito pesado e monótono, o que devíamos achar inteligente e volutuos. É um paradoxo a mais da organização mental dos brasileiros que, sendo para muita gente, um povo inteligente enfiava-se, assim, tão facilmente com uma das mais puras manifestações da inteligência...

A Província e os Grupos

ADERBAL JUREMA

EDUARDO Campos, na sua entrevista para o "Diário de Pernambuco", aludiu, de início, aos grupos literários do Recife, citando os intelectuais que se congregam nas páginas do suplemento daquele jornal, o pessoal de "Nordeste", "Região", "Resenha Literária" e do suplemento do "Jornal do Comércio". Suponho que o "conteur" cearense não teve a intenção de fazer uma catalogação rígida das várias tendências ideológicas que informam alguns desses aglomerados da província, ou melhor desses supostos grupos, porquanto não me consta que nenhum deles tenha conseguido reunir as características mais denunciativas de um movimento intelectual definido. Para que possamos admitir a existência de um grupo literário é preciso, antes de mais nada, que os seus componentes estejam identificados por uma idéia motora e que haja, entre eles, uma completa afinidade de temperamento. Nenhum dos supostos grupos citados pelo escritor cearense apresenta essas características, antes, pelo contrário, são colaboradores os mais heterogêneos possíveis. O que impele o escritor, no Recife, para essa ou aquela publicação e a simpatia pessoal pela orientação da revista ou do suplemento, orientação aqui mais no sentido estético e sentimental do que no filosófico. Se se quizesse descer a minúcias, poder-se-ia falar também das igrejinhas tão comuns nas províncias e nas portas de farmácia do interior. Igrejinhas que são verdadeiras catedrais de publicidade organizada, na metrópole. No mais, a literatura recifense continua no mesmo estado ideológico de há dez anos atrás. Comportamento gráu dez para os poetas plácidos e gráu oito para os sonetistas impedernidos, sem falar nos raros críticos e ensaístas que a vida cotidiana cada vez mais os afasta da coluna do jornal ou das páginas das revistas.

Esqueceu-se o sr. Eduardo Campos de citar o Teatro do Estudante de Pernambuco como grupo, este justamente o mais homogêneo e o que oferece todas as características de movimento renovador, desde às suas pronunciadas tendências lorquianas até o seu audacioso "slogan" de levar o teatro ao povo. Também em "Resenha Literária" o grupinho diretor está tentando, através de suas seções editoriais, fixar uma tendência esquerdista. Quanto ao primeiro grupo já podemos afirmar que ficará como um traço em negrita na história do teatro pernambucano e quanto ao segundo ainda é cedo para prognósticos...

PALAVRAS A ANTONIO

EDSON REGIS

O UVE, Antônio, êsse gemido que está ressoando no tempo como os búzios da morte soprados por absolutos fantasmas.

Os anúncios funebres calam-se na desolada madrugada sob as asas dos sonhos, mas nascem depois com a aurora, ampliando a eterna âncora do mistério.

Meus pés estão molhados de sangue e os teus pés selvagens também sangram. Minhas mãos perderam o rumo das coisas e as tuas mãos adquiriram a insânia das estátuas.

E os túmulos brotam intensamente em redor das aldeias e cidades, os ciprestes anunciam seu destino e precipitam lágrimas anônimas.

Agora, Antônio, os cantinhos conduzem às grandes solidões noturnas, os ritmos da terra nos confundem e só ouvimos queixas e soluços.

Felizes somos no entanto que ainda não desesperamos como a noiva diante do amado morto imprevistamente, e ainda não penetramos a monotonia dos cemitérios.

Ah! a grande aflição dos espíritos que conduzem os símbolos pesados da existência humana e da imaginária situação fantasmal de outro mundo!

Sim, Antônio, estamos banhados em sangue e assim ficaremos até Cristo novamente sobre a terra, até o imenso fogo bíblico e a transfiguração das faces, quando deixaremos de cantar o hino dos prisioneiros da [morte].

A União

Fundada em 1892, Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 17 de abril de 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

Aderbal Jurema, A. Accioly Netto, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Brito Broca, Carlos Romero, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Eurico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, José Paulo Moreira da Fonseca, José Lins do Rego, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueiredo, Orlando Romero, Otto Lara Resende, Péricles Leal, Raul Lima, Sosigenes Costa, Tulio Hostilio Montenegro e Wilson Martins

ILUSTRADORES

Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Helio Feijó, Hermano José, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa Zuleno Pessoa e Woller.

Bergsonismo

ORLANDO ROMERO

A FILOSOFIA contemporânea tem em Bergson o seu maior reformador. De um agnosticismo rigoroso, onde as mais sérias divergências doutrinares animavam os pensadores, a estrutura do bergsonismo, em seu julgamento consciencioso, veio pôr termo ao conservantismo dos princípios filosóficos. Reconhecemos não ser a filosofia de Bergson de todo original. É certo que as influências cartesiana e pascaliana transparecem em sua idéia, sem todavia exercerem domínio em seu conjunto. A coerência e a emancipação de seus princípios dão corpo à sua filosofia. O seu grande mérito está em elevar a filosofia espiritualista muito acima das doutrinas em curso, quando apela para o intuicionismo.

A inteligência é uma parte e não póde, *ipso facto*, apreender a totalidade das coisas. Apreende os estados e não a substância da realidade. Bergson recorre à intuição. Daí vemos que a idéia bergsoniana surgiu da inspiração do seu próprio gênio. E ele mesmo proclama tal princípio que se choca com Spencer, de um modo violento: — "Não se póde raciocinar sobre as partes como se raciocina sobre o todo. O filósofo deve ir mais além que o sábio... A inteligência retalha os fatos no todo da realidade... Em vez de dizer que as relações entre os fatos engendraram as leis do pensamento, eu posso muito supôr que foi a forma do pensamento que determinou a configuração dos fatos percebidos e por conseguinte as relações deles entre si".

Na realidade, Bergson não foi um místico nem se filiou a qualquer credo religioso. Até certo ponto, podemos dizer, ele foi um espírito ecletico. Rigorosamente não vemos originalidade como dissemos, no bergsonismo. A filosofia espiritualista sempre ascendeu, em variantes múltiplas, girando continuamente em torno do eixo comum: a natureza, fonte do conhecimento supremo. Bergson procurou a verdade, aplicando os seus princípios. E por isso teve que se defron-

tar com o criticismo de Kant em sua pureza, tanto na França como na Alemanha, e também nos outros países, sob a influência hegeliana, com Renan à frente. Bergson lutou contra esse ambiente, elevando o espiritualismo a uma hierarquia moral em relação às doutrinas correntes. E o mais interessante é que a revolta de Bergson veio à medida que travava conhecimento com o materialismo mecanicista de Spencer, do positivismo de Comte, do determinismo e do cientificismo. Foi a sua revolta consciente contra o materialismo.

Como o pragmatismo de William James, o bergsonismo é uma filosofia da ação, isto é, a ação é uma resultante, da vontade a qual paira acima da inteligência. Todavia nós é permitido reconhecer o antagonismo existente entre estas duas filosofias da ação, pois o pragmatismo, empirismo radical, é, podemos afirmar, exclusivista, e aponta a experiência fenomenica como condição *sine qua non* para abranger o total do conhecimento. O bergsonismo não oferece margem aos sofismas materialistas: ataca-os, destrói-os quando procura interpretar a realidade

de das coisas, em análise profunda. O pragmatismo adapta-se às críticas, não contradiz e nem combate o critério de verdade: orienta apenas. Investiga o que julga de utilidade. Bergson retalha, revolve os conceitos, procura o conhecimento de qualquer coisa, da "coisa em si". A essência da realidade será atingida depois que se ultrapassar o ponto de vista científico, recorrendo-se à intuição.

A interpretação bergsoniana de tempo e de espaço converge para a compreensão da realidade. O espaço sendo um conjunto de pontos, podemos percorrer com absoluta liberdade todos esses pontos; o tempo, não. O tempo encerra a essência da vida e possivelmente toda a realidade. O tempo é uma acumulação, uma duração, um crescimento. O passado vai-se acumulando como camadas estratificadas para construir o edifício do futuro. De forma que o futuro será sempre diferente do passado, pois novas camadas, isto é, novas acumulações o envolvem e o fazem diferir. Há, assim, uma verdadeira criação incapaz de reproduzir-se. Essa evolução criadora prossegue indefinidamente, metamorfoseando-se, crescendo mesmo. É um dinamismo, chamado

élan vital, donde surgem os seres. A evolução criadora processa-se em sentidos diferentes, pela distensão e pela tensão de suas fases, originando respectivamente a vida e a matéria.

"O progresso é contínuo — diz Bergson — e prossegue indefinidamente, progresso invisível, sobre o qual o ser invisível está a cavalheiro durante o espaço de tempo que ele tem de percorrer na terra. Quanto mais fixamos a atenção nesta continuação da vida, tanto mais vemos a evolução consciente em que o passado atua sobre o presente para dele fazer brotar uma forma nova, que é a resultante dos seus ascendentes".

Vemos aí, na filosofia de Bergson, um transformismo sutil, o qual chega a se espiritualizar. O passado fica escondido nas regiões sub-escurecidas da alma, gravado na consciência profunda, e há um verdadeiro paralelismo entre as fases tensão e distensão do élan vital.

O bergsonismo cresceu, tomou vulto entre os contemporâneos, em face de sua independência. Nenhuma escola, nenhuma religião o deteve. Bergson foi o maior defensor da verdade em prol da humanidade.

VIRÁ AO BRASIL O ESCRITOR ANDRÉ MAUROIS

Curiosas revelações sobre Proust, em seu próximo livro

ANDRÉ Maurois, que regressou há pouco à França de sua última temporada nos Estados Unidos, pensa em retornar a esse país para realizar um novo curso de seis meses ou um ano numa universidade.

— Acabo de receber uma proposta verdadeiramente tentadora — diz ele ao repórter que o entrevistou em Paris — e como gosto muito de lecionar, já o teria aceito, se isso não dependesse ainda de certos motivos particulares. De qualquer maneira devo passar dois meses, proximamente, no Brasil, realizando um curso idêntico na Universidade de São Paulo".

Quanto aos seus projetos li-



terários declara o escritor: — Vou publicar muito breve uma biografia de Marcel Proust que será, ao mesmo tempo, um estudo de sua obra

baseada numa quantidade enorme de documentos inéditos, apontamentos e cadernos, em que encontramos todo o processo gestatório de seus romances, e que corrigem, singularmente, a idéia que até hoje fazíamos de sua técnica de composição".

Pergunta o repórter se Maurois tocará em certos aspectos da vida íntima de Proust.

— Mas, naturalmente, pois tais aspectos são inseparáveis de sua obra. Ocultar que ele era judeu ou que "son goût n'était pas des femmes", como diz Saint Simon, atudindo ao irmão de Luís XIV, seria falsear-lhe a explicação".

Significação Literaria do JOURNAL

WILSON MARTINS

O *Journal*, de André Gide, é mais do que o diário de um homem de letras. É um verdadeiro prefácio à obra literaria do escritor francês. Um prefácio para a sua obra e uma interpretação de sua vida, porque este *Journal* contém, ao mesmo tempo, e integralmente, o artista e o homem. A confissão, a "descarga", como dizem os psicanalistas, é uma necessidade irreprimível para André Gide. Os enigmas dos seus livros e a "anormalidade" de sua vida (entendida essa palavra nos seus dois sentidos), somente pelo *Journal* podem ser esclarecidos, ou, pelo menos, interpretados. É por isso que André Gide se constituiu no melhor crítico de suas obras.

Aliás, a posição fundamental de Gide é a de crítico. Lembremo-nos do cuidado com que procura, no *Journal*, explicar as intenções de cada uma de suas obras, o desgosto que lhe causam as incompreensões e os desvios da critica. Nesse particular, Gide aproxima-se de Bernard Shaw (tão diferente e até antagônico dele em tantos outros aspectos), pois o autor de *Man and Superman* também necessita "explicar" tudo o que escreve por meio dos longos prefácios, dos indispensáveis prefácios, que acompanham todas as suas peças. Apenas com a diferença de que Bernard Shaw faz a interpretação acompanhar a peça, entrega as ambas conjuntamente ao estudo do leitor, ao passo que Gide somente pelo *Journal* pode ser conhecido inteiramente, somente no *Journal* se confessa e confessa suas intenções. (1).

A primeira e mais forte conclusão que se tira do *Journal* — a de que Gide é, antes de tudo, um crítico. Crítico da sociedade, não lhe perdendo seu artificialismo, suas "maneiras", sua anormal, seus costumes, suas leis contrárias à realidade (2), crítico da literatura,

não suportando seus falsos conceitos, suas idéias errôneas, suas contrafações, seus medalhões, de todos os tempos; crítico de si mesmo, dotado de extraordinária capacidade de auto-exame, procurando, talvez, justificar-se, mas levando, em todo caso, até a minúcia o cuidado de deixar esclarecida sua posição subjetivamente individualista e "anormal" (3). Esta palavra no caso de Gide, não deve ser entendida tanto em seu sentido clínico, como no seu sentido gramatical, porque somente nesta ela é inteiramente justa, ou, pelo menos, somente neste ela se aproxima suficientemente da realidade.

Essa critica — uma interpretação. André Gide é inevitavelmente um autor que somente tolera as interpretações. Bem ou mal orientadas, felizes ou infelizes, não importa — apenas uma interpretação pode nutrir a veleidade de se aproximar do autor das *Incidences*. Esta palavra, é, por certo, um símbolo. Índice do sentido de um espírito que não quer ser conduzido por fórmulas, por idéias feitas, por "processos", mas procura surpreender os reflexos da verdade sem esforços dos figuradores, espontaneamente, tal como ela pode ser encontrada.

Por outro lado, há uma impossibilidade total de se "julgar" André Gide, por que não servirá para ele, nem para a sua obra, apenas um julgamento. E como se trata de um espírito único por força de sua própria constituição, temos, fechado, mais um caminho para o julgamento, que se nutre, indispensavelmente, da comparação. André Gide é como aquele artista da imagem de Picasso, colocado entre dois espelhos paralelos, que lhe reproduzem a figura uma série infinita de vezes. Vem os críticos com os seus "julgamentos" (Mássis!) e enganam-se, vendo diversas

imagens e tomando-se por realidades diferentes e autônomas, quando, ao contrário, trata-se, sempre, de um mesmo artista, visto em momentos e em ângulos diferentes.

O *Journal* dá-nos uma perfeita idéia do quanto falharam os "julgamentos" de André Gide. Ele mesmo — sendo fundamentalmente crítico — jamais profere um julgamento, dos outros ou de si mesmo. Procura incansavelmente interpretar as diversas realidades, que não são menos verdadeiras que a Realidade, pois o que varia em cada caso é apenas o observador e o ponto de observação em que se coloca. O que é verdade também em astronomia.

A dificuldade maior de André Gide está em que ele exige, ao mesmo tempo, do intérprete, duas atitudes absolutamente contraditórias. Porque, não existindo um, mas vários André Gide, dentro de uma personalidade, de única, temos que encará-lo simultaneamente sob esses dois aspectos — o que se transforma numa impossibilidade material para a critica. A posição espiritual de Gide caracteriza-se pelos adjetivos que indicam completa dissidência de todos os quadros de valores: solitário, individualista, inconformado, protestante. Hostil a todos os agrupamentos literários e políticos, (4) organicamente avesso às "escolas" (e sendo originado um grupo numeroso de "discipulos" mais ou menos fiéis ao que parece a sua realidade), André Gide obriga a que todas as palavras tenham um duplo sentido quando se lhe referiam. Protestante — não tanto pela significação religiosa da palavra, mas principalmente por atitude espiritual. Inconformado — não apenas por repudiar a "atual" realidade. (5) Individualista — mas individualista por força de personalidade, e não por acidente. Solitário — acima de tudo um soli-

tário, porque se afastou de todos os homens, (6) muito embora o enigma. Homem seja o que mais o interessasse... (7).

Gide assumiu diante da vida a atitude do artista puro, daquele que superpôs a realidade, evidente uma realidade ideal, daquela que desprezou o que é pelo que deveria ser. Daí a importância do *Journal*, pelas possibilidades que nos oferece de chegar a uma interpretação possível de André Gide embora guiados pela sua mão e pelos esclarecimentos que ele próprio nos adianta.

1) — Não foi ele quem declarou algures no *Journal* que escrevia apenas para os que entendem as meias-palavras?

2) — "Comment ne pas se sentir individualiste parmi les conventions d'une société bourgeoise?"

3) — "Oser être soi. Il faut le souligner aussi dans ma tête".

4) — "Ne me demandez donc de faire partie d'un Parti".

5) — "Le monde réel me demeure toujours un peu fantastique".

6) — "La présence des autres me sera bientôt insupportable..."

7) — "L'homme est plus intéressant que les hommes: c'est lui et non pas eux que Dieu a fait à son image".

A NOVA GERAÇÃO E A PROVÍNCIA

No discurso de posse que deverá pronunciar na Academia Parahibana de Letras no dia 21 do corrente, o escritor Lopes de Andrade levantará uma tese sobre importância das novas gerações em defesa da província, apresentando o movimento que se processa em todo o país, a renovação que os novos das províncias vêm fazendo nas letras nacionais.

CULTURA, Uma Revista e um Milagre

OTTO LARA RESENDE

O S jornais já registraram o aparecimento de "Cultura". Outras notas e outros registros, mais extensos certamente, aparecerão ainda. Trata-se de uma revista como há muito tempo não se vê no Brasil. Faz pensar na "Revista Brasileira", na "Terra do Sol" ou na "Revista do Brasil". "Cultura" me parece mais bem cuidada do que qualquer outra e surge como uma feição gráfica admirável, sob os bons olhos de Santa Rosa.

SEM FACÇÕES

No Ministério da Educação, estou diante do homem que realizou o milagre. É José Simeão Leal o realizador de "Cultura". Trata-se de um homem precioso e que, entre vários outros predicados particularmente confortáveis, entusiasmava. A meu pedido, Simeão me fala sobre "Cultura":

— Quero realizar uma revista quadrimestral, com 280 a 300 páginas, contendo colaboração do melhor teor cultural, sobre qualquer tema ou assunto, desde que tratados sob forma literária. Os colaboradores dispõem de mais completa liberdade e a revista não é facciosa, não se prende a grupos.

5.000 EXEMPLARES

Anoto outras informações preciosas: o primeiro número de "Cultura" custou mais de cinquenta contos e teve a maior

tiragem já havida no Brasil, para uma revista cultural: 5.000 exemplares. Deveria ser vendida a cem cruzeiros o exemplar, atendendo ao seu custo mas será exposta nas livrarias ao preço mínimo de dez cruzeiros.

Evidentemente, só o Estado poderia realizar uma revista assim, suportando tão pesado ônus sem a perspectiva do reembolso. Pois "Cultura" é uma revista financiada pelo dinheiro oficial, mas — aqui está a sua virtude — não é uma revista oficial. Não há nelas sinais de oficialismo. Apenas uma indicação de pé de página informa que se trata de uma publicação do Serviço de Documentação do Ministério da Educação, dirigido atualmente por esse homem empreendedor e de bom gosto que é José Simeão Leal.

O SUMÁRIO

O sumário de "Cultura" está dividido em cinco partes. A primeira, "Pensamento", comporta 4 sub-divisões, que são por assim dizer os ramos da cultura: arte, ciência, história e literatura. Segue-se depois um "Documentário", que trará sempre um trabalho sobre aspecto inédito da arte no Brasil (no 1.º número um estudo de Joaquim Cardoso sobre "Azulejos na Arquitetura Brasileira"). A revista comporta ainda três títulos: "Resenha", contendo transcrições de artigos

aparecidos em jornais e que mereçam uma fixação: "Bibliografia", com numerosas notas, assinadas sempre, tendo tanto quanto possível para a especialização e finalmente "Vária", com o noticiário de assuntos culturais e trabalhos de interesse não especificado.

REPERCUSSÃO

Como era de esperar, o aparecimento de "Cultura" despertou o maior entusiasmo nos círculos intelectuais do país. Simeão Leal tem recebido cartas de todos os cantos, solicitando remessa do milagre. Eu mesmo vi, sobre a sua mesa de trabalho, algumas dessas cartas, entusiasmadas. Vários escritores já manifestaram a sua admiração, a propósito, e posso citar, entre estes Carlos Drummond de Andrade, Alvaro Lins, Cândido Mota Filho, José Lins do Rego, O. M. Carneaux, Renato de Almeida, Graciliano Ramos, Costa Rego, Raul Lima, Manuel Bandeira e Paulo Mendes Campos.

AGORA, É DIFERENTE

Lembro-me de já ter ouvido falarem mal dos "Serviços de Documentação", existentes nos vários Ministérios, e que foram, se não me engano, criados durante o Estado Novo. Na Câmara e no Senado, já se falou muito mal deles. Que são serviços inúteis, consumidores de verbas para fins irracionais, sempre funcionando apenas no engrossamento dos senhores ministros, etc.

O Serviço de Documentação do Ministério de Educação, se assim era, já não o é mais desde que lá está Simeão Leal, nomeado em janeiro de 1947. Simeão faz do Serviço uma coisa funcionando, e funcionando bem para bons fins. Quando entrou para o lugar diminuíram-lhe a verba de algumas centenas de contos, mesmo assim, as iniciativas tem surgido e Simeão Leal está realizando alguma coisa de durável e meritório no terreno da cultura.

CATALOGOS

O Serviço de Documentação tem editado vários catálogos de exposições, entre os quais posso citar os de Calder, Fayga Ostrower, Bruno Giorgi (pago pela Prefeitura, este), Wober e das Exposições de Arte Popular e Retrospectiva do Brasil. É preciso ver alguns desses catálogos para comprovar o bom gosto com que são impressos, conteúdo, quase sempre, mais do que a simples relação dos trabalhos mostrados.

PLANOS

Simeão Leal alimenta ainda outros planos, que pretende realizar. De algumas conversas casuais que tenho tido com ele, pude anotar dois desses planos que me parecem excelentes. Primeiro, uma coleção de pequenos livros de luxo, com 50 a cem páginas, em edições restritas de 200 exemplares. Para que não fiquem fechados num pequeno circuito de felizardos, os mesmos livros serão publicados na revista "Cultura". Esses livrinhos conterão pequenos estudos sobre letras e artes. Sei que Simeão já convidou alguns escritores para meterem mãos à obra e já tem prometidos uma "Poética", de Carlos Drummond de Andrade, "Métrica e Rima", de Joaquim Cardoso, "Colóquio com a Esfinge", de Santa Rosa, versando temas artísticos, "O Cotidiano na Poesia" de Léo Ivó, além de outros vários.

O segundo plano, já cristalizado e prestes para entrar no campo da realidade, consta de uma coleção denominada "Informação", que procurará abranger todos os ramos da cultura brasileira, abordada em ensaios de duzentas páginas por escritores de responsabilidade. Assim, serão estudadas a ficção, a escultura, a arquitetura, a pintura, a poesia, a música, a pesquisa científica, etc. Eurico Nogueira França, Prudente de Moraes Neto e Santa Rosa são alguns dos nomes já convidados para a tarefa.

(Conclue na página 14)



AMAZONAS — Woller,

A CRÍTICA ORGANIZA-SE EM EQUIPE

AFRANIO COUTINHO

VULGARIZA-SE no estrangeiro a moda do symposium crítico, livros dedicados a uma figura intelectual e compostos de estudos de autoria diversa e sobre aspectos variados da vida e da obra do autor analisado. Há muito quem afirme ser essa a única forma possível da crítica em nossos dias, em face à tremenda complexidade do material que deve formar o substrato cultural do crítico, exigindo dele uma cada vez maior delimitação e especialização nos campos de atividade. E' assim que, sem falar na formação propriamente literária do crítico, já de si imensa, há todo um universo de conhecimentos que a ele não lhe deve ser estranho, das ciências sociais à psicologia, da biologia ao folclore, da estética à história, da teoria das ideias à filosofia da história, da linguística à história da arte, da filosofia à política etc. Daí que a cooperação se imponha como o único meio de aliar a competência à sistematização, criando-se para a crítica a atmosfera da seriedade e de objetividade metodológica, intensa à superficialidade beletística e impressionista. Tudo hoje leva o crítico a especializar-se num assunto ou num gênero, e a concentrar nele sua atividade.

Consoante tal orientação se vêm divulgando há algum tempo as publicações de feição cooperativo. Há os de dois tipos: os que são adrede planejados de muito maior valor, pois oferecem uma unidade de orientação e miram a um retrato o mais possível completo da figura, analisando-lhe os vários aspectos da vida e da obra; e os que não passam de coletânea de trabalhos já publicados, e cuja reunião, não proporcionando unidade de vistas, tem contudo a vantagem de salvar do olvido aquilo que tivera circulação efêmera, evitando-lhe a perda.

As mais comuns dessas publicações são as feitas pelas revistas. Em francês têm aparecido números especiais, tal como já o fizeram no passado a *Nouvelle Revue Française* (sobre GOETHE, JACQUES RIVIÈRE, etc.), os *Cahiers da*

Sud (sobre Rilke, o Romantismo alemão e outros assuntos), *Esprit*, *La Vie Intellectuelle*, etc. E' assim que surgiram o esplêndido número dos *Cahiers da Sud* "Valéry Vivant" em 1946, o de *Résurrection* sobre CHARLES DU BOS, os de *Les Temps Modernes* sobre diversos assuntos.

Em forma de livro, vieram a lume vários ensaios interessantes, como *L'Existence*, os "cahiers" da coleção *Précenses*, que DANIEL-ROPS dirige (Plon), nos quais têm sido estudados BERNANOS, GABRIEL, MARCEL, DU BOS, etc.

Nos países anglo-saxões, porém, a moda entrou ainda mais profundamente. Na Inglaterra publicações como *Focus*, dirigida por B. RAJAN (Dennis Dobson Ltd., London), têm sido dedicadas ao estudo em cooperação de KAFKA, ELIOT, o romance realista, o romance de ideias. Ainda no campo dos periódicos, o processo da cooperação tem sido aplicado de modo geral pelas revistas inglesas e americanas no estudo de temas ou figuras. E se pode afirmar que não é apologético o tom que caracteriza tais estudos, mas o da análise acurada e crítica. Mencione-se, por exemplo, a publicação "Transformation" (Lindsay Drummond London).

E' em livros, todavia, que se aperfeiçoam os editores anglo-saxões no terreno da coopera-

ção crítica. Alguns desses volumes são verdadeiros monumentos críticos de saborosa e valiosa leitura.

Alguns já são mais antigos, como o que reuniu os estudos críticos de ingleses e americanos sobre PROUST. Há ainda a coleção americana *Living Philosophers*, coletânea de estudos sobre um filósofo vivo, aos quais responde o próprio criticado no fim do volume; saíram os tomos dedicados a DEWEY, WHITEHEAD, RUSSELL, SANTAYANA, e estão a sair os sobre CROCE, CASSIRER, etc.

Sobre BERNARD SHAW, a passagem de seu 90.º aniversário foi editado em Londres e Nova York o volume G. B. S. 90, volume digno do biografado (Ed. S. Winsten, Dodd, Mead & Co., New York e Hutchinson, London).

GERARD MANLEY HOPKINS, no centenário de seu nascimento, encontrou excelentes intérpretes no grupo de críticos da revista americana *The Kenyon Review*, cujo número especial foi editado em livro (New Directions New York). Em 1939, *The Heritage of Kant*, editado em Princeton, foi um grande volume dedicado à Filosofia Crítica. Mais tarde chegou a vez de HENRY JAMES que já dera lugar, aliás, a uma esplêndida coletânea, o número especial da revista *Hound and Horn* e a outro da *Denyon Review*. Os me-

lhores trabalhos antigos e modernos sobre ele foram reunidos num volume *The Question of Henry James*, coligido por F. W. DUPPE (Henry Holt & Co., New-York, e Allan Wingate, London). Sobre T. S. ELIOT saíram um número especial de *Focus* (Number Thre), a revista já referida, e uma coletânea ainda mais recente, organizada por LEONARD URGER: *T. S. Eliot, A Selected Critique* (Richard New York), conjunto de artigos esparsos e de época diversa, semelhante a *The Kafka Problem*, organizado por ANGEL FLORES (New Directions, New York) e esta outra ainda mais recente: *James Joyce, Two Decades of Criticism*, dirigida por SEON GIVENS (Vanguard Press New York). Não devem ser esquecidos o *Memorial Volume* dedicado a COLERIDGE em 1934 e dirigido por BLUNDEN e GRIGGS, e o consagrado a HERBERT REED, editado pelo crítico HENRY TREECE (Faber, London).

Haveria que mencionar ainda diversos desses volumes coletivos sobre assuntos especiais como a linguagem da poesia, a missão do artista e do crítico, e há pouco o grupo de ensaios *Poets at Work*, dirigido por CHARLES ABOT, e no qual se estudam os processos do trabalho poético através do exame de manuscritos dos poetas, guardados na Biblioteca da Universidade de Bufalo.

Sobre o movimento do Humanismo na América, há dois symposia: *Humanism in America* e *The Critique of Humanism*, o segundo em resposta ao primeiro.

Essa voga do symposium, como disse, está destinada a grande futuro não somente no estudo de figuras intelectuais, como também na análise dos problemas literários, para cuja interpretação e compreensão o esforço cooperativo se impõe como dos mais vantajosos. Tudo depende de seriedade e critério com que são planejados e organizados os volumes. Até agora a contribuição tem sido invulgar e interessante.

A morte de Axel Munthe

AXEL MUNTHE, o autor do "Livro de São Michels", não pôde concluir o seu último livro, "O Drama da Velhice" que vinha escrevendo com grande dificuldade, por encontrar-se quase cego e semi-palítico. A notícia da sua morte, aos 91 anos de idade, ocorrida recentemente, espalhou-se pelo mundo inteiro, enchendo de pesar os seus inúmeros leitores. Axel Munthe, desde algum tempo deixara o seu refugio em Capri, cenário do livro que o tornou celebre, para viver no palácio do rei Gustavo. Várias versões espalharam-se, então, sobre o seu novo método de vida, entre elas a de que parecia um lunático. Todavia, no isolamento onde se encontrava, Munthe sonhava com imagens antigas, meditava num desfecho próximo e inevitável, era lírico e racional: "... E' belo passear à sombra tranquila das oliveiras de Materita, — diz no final do capítulo do livro que não terminou — repousar na velha terra e gozar... A torre dá para o ocidente onde brilha o sol. Em pouco, o sol se afundará no mar e virá o crepúsculo, e virá a noite. O dia foi belo, mas está findando..."

O CIRCO

CLOVIS ASSUMPÇÃO

ALVARO Moreyra viveu o simbolismo, o doce simbolismo de uma capital da província. Em Porto Alegre, com sua geração, implantou os requintes da escola. Naquela época, mais do que nunca, a cidade prestava-se, passiva e suave, para os concheiros e sussurros dos poetas. As fontes antigas, os sobrados, os beirais, as ruas subindo para a matriz, para a faculdade de direito, as lages, os azulejos, na tristeza macia dos outonos e dos invernos, no impreciso da bruma e do avesso da seda. Os poetas prestigiaram o ambiente, ressaltando sua luz e sombra e seu plasticismo, modelando o verso com mãos sábias da cultura europeia importada. Alvaro Moreyra movia-se com eles, em perpétuo encantamento, suspirando em saudades inexplicável pelos lugares distantes, onde a penumbra era maior e os encantos também, onde a vida fosse ainda mais aquário e as casas dançassem a dança lenta e enervante dos tóxicos. Os poetas mestres europeus exerciam influência: os portugueses Cesário Verde, Antonio d'Oliveira Soares, Eugénio de Castro, João de Castro, Alberto Osório de Castro, Alberto d'Oliveira, Júlio Brandão e Antonio Nobre, seguidos do grupo que de tantas partes da França e do mundo todo, concentrou-se em Paris: Baudelaire, com seu primeiro passo para o mistério, Verlaine, Samain, Morea, Rodenbach, Maeterlinck, Charles Cros, Jarry, Mallarmé, Ghil, Merrill, Kahn, Laforgue, Vieille-Griffin, Saint-Paul-Roux e outros. A inquietação subia pelas paredes do coração e da pele e certo dia, Alvaro Moreyra, caminhou sobre as águas em direção das amadas Paris e Bruges. Não podia ser de outra forma porque a esperança das viagens era toda a esperança dos simbolistas da América. Se, como tantos outros, Julio

Herrera y Reissig ficou sempre preso à sua Montevideu, alguns como Ruben Dario, o prisioneiro, desterrado e espadachim Rufino Blanco Fombona e Alvaro Moreyra, puderam, pelo menos em parte, corporificar o sonho, embora projetados em outras geografias por meios tão diversos. Assim o poeta palpou os ideais do simbolismo, bebendo o mistério. A poesia muda de linguagem, de gestos e de indumentária. Não é simplesmente questão de moda, é questão de vida. A vida caminha com seus vidros, suas máquinas e angústias. A poesia também. Assim brotou o modernismo e Alvaro Moreyra, tornou-se um modernista. E no "Circo" o poeta é bem o mágico. Os fatos mais comuns, os temas triviais, traçados com uma simplicidade, sóbrios com água pura, adquirem aspectos profundos, numa profundidade lúcida de emoção e sentimento. O ho-

mem todo está em qualquer dos poemas. Desce à rua e sorri para os homens e deles realça os pequenos prazeres e as pequenas torturas. Uma paixão antiga vai crescendo, tomando contorno definido e finalmente objetiva-se em "Adão Eva e outros membros da família". Teatro de Alvaro Moreyra. Com o segredo da poesia e dos símbolos, com o humor e a ternura. Os personagens movem-se com a realidade e com o amor que o poeta dedica à vida e ao teatro, engendrados em estética moderna, muito humanos e muito vivos. Vale uma grande experiência dentro da pobreza do teatro brasileiro.

Se a poesia e o teatro são como pulmões para Alvaro Moreyra, sua verdadeira condição de escritor está na crônica. Por livros, revistas e jornais, o cronista abre portas e mais portas, sem limites, poderoso de mão leve e tão lúcido, irresistível, surpreendente. Reno-

va-se. Constroi e reconstrói em arquitetura mágica. De tantos modos de crônica, Alvaro escolheu o mais perigoso, porque mais imponderável, a exigir vertebras de cotidiano e pele de mistério, o da conversa. Um breve soliloquio, uma leve palestra com homens, visões, saudades e coisas. Com alguma amargura, algum inconformismo e muita poesia. Numa filosofia contemplativa, de suave pessimismo e humor, onde sempre, e apesar de tudo, pode haver um sorriso, deve haver um sorriso. Compreendendo os homens e entre eles vivendo, sentindo e lutando no trido de realidade, nunca foi arrastado pelo requinte da cultura, fechando os olhos à vida, pelo contrário, sempre com os pés no chão, transbordado, pleno, humano. Com tantos milagres, Alvaro Moreyra pode ser o maior cronista do Brasil, amparando-se em perfume e flôr, entre os rijos muros do mundo.



Xilogravura de Yllen Kerr, para a Antologia de Contos de autores novos, a ser editada pela REVISTA BRANCA.

DO "DIÁRIO" DE SIMONE DE BEAUVOIR

O Escritor Americano e o Povo

JANTO com E. A., em casa de dois amigos que pertencem ao grupo da revista "Wiew". Nêsse pequeno apartamento da cidade baixa, encontro de novo S. K., poeta, ensaísta, crítico.

Demorada discussão logo se inicia e atravessa toda a noite, sobre o problema da "ação". Interessa-me grandemente êsse assunto, pois verifiquei existir no seio da juventude universitária e entre os intelectuais da Nova Iorque uma propensão para a inércia, que muito me surpreendeu a princípio.

Em compensação, causa espanto a S. K. aquilo a que ele chama nosso "complexo de ação".

Saint-Exupéry, Malraux, Koestler, assim como Camus, Sartre e Aragon lhe parecem contaminados dessa moléstia. Naturalmente, não preconiza êle atitude de "vôgi": a seu ver, houve, na história, momentos em que a ação foi possível. Mas, hoje, não permitindo a situação objetiva nenhuma intervenção individual eficaz na França ou na América, a vontade de ação não passará de atitude subjetiva: atitude desadaptada, que conviria fôrse psicanalizada, especialmente entre os intelectuais, visto como não têm eles, neste instante, nenhum papel que desempenhar.

não há coisa semelhante na América. Assinalei já, a propósito da juventude universitária, a espécie de derrotismo que pesa sobre a nação. Há uma classe que detém o poder econômico e que influencia na política, maneja os negócios, forma projetos, decide, empreende — essa classe é a chamada "Pullman-Class".

Os escritores não fazem parte da "Pullman-Class", não viajam de "pullman", e não é sobre o público das "pullman" que desejam exercer influência. Mas, por outro lado, não encontram êles nas massas nem audiência, nem possibilidades de apoio. As relações do escritor francês com as massas estão muito longe de ser satisfatórias: mas ali uma burguesia que se decompõe, uma pequena burguesia conturbada e uma classe operária hesitante constituem um público capaz de ser atingido.

Richard Wright ficou espantado com o prestígio de que gozam, hoje, entre nós certos escritores franceses. Bem ou mal, são êles conhecidos, pesam, influem. Na América, tal situação não existe: os escritores não são populares ou somente o são a título jocoso; as milhares da "Pullman-class",

que constituem seu público habitual, apenas lhes pedem que as divirtam. O resto da nação ignora-os.

O escritor não tem possibilidade de agitar profundamente a opinião pública. E disto se capacitaram tanto certos escritores jovens, que preferiram voltar sua atenção para o rádio.

Entim, mesmo que um escritor goste de atuar sobre as massas, estas se mostram de tal modo inertes tão desprovidas de todo instrumento de ação, que êles nada conseguem. Tal passividade encontra sua explicação na história da América. A imigração artas ou consiga uma heterogeneidade de culturas pouco propícia à formação de consciência coletiva; a existência de fronteiras abertas, as possibilidades que se oferecem a cada cidadão impeliam os emigrados à realização de fins individuais, e a insubordinação social arrancava, sem cessar, das camadas inferiores, os seus líderes. Disso resultou que, na sociedade, agora coagulada, as massas permanecem divididas, inorgânicas, privadas de sentimento de solidariedade, e, por causa disto, passivas, receptivas. É possível que semelhante situação se modifique. Mas,

tal como é hoje, não há esperança alguma para um escritor americano, de que possa agrupar, em torno de si, forças vivas, pois estas não existem".

NOTA DA REDAÇÃO: — Algumas das conclusões a que chegou Simone de Beauvoir são temerárias, posto que sedutoras. Não, talvez, a heterogeneidade de cultura, e sim a padronização, a tailorização dela tenham comunicado, à vida americana, essa apatrida de passividade coletiva. Mas, não se tratará apenas de aparência? Negar forças vivas a essa nação que se mostra tão livre, tão plena de vitalidade na sua expansão criadora, tão profundamente atuante no mundo moderno, em cujas condições e em cuja cultura vai introduzindo transformações de tamanha importância... O deslocamento do centro de gravidade da cultura mundial para a América do Norte é fato hoje inconteste. O que sem dúvida se manifesta, em tais condições, é a profunda incompatibilidade do espírito europeu com as formas de vida que se elaboram no novo mundo.

(Extraído de "Letras e Arte" do dia 13.3.49).

Discutimos por muito tempo, sem que nenhum convencesse ao outro.

A diversidade de comportamento entre os franceses, italianos — de um lado, e os americanos, de outro, é flagrante. Essa diversidade provém da profunda diferença existente entre as tradições políticas desses países. A intensa vida interior dos partidos, a ligação da vida sindical e da vida política, permite aos cidadãos franceses uma permanente participação nos movimentos políticos; cada um deles se considera como um agente histórico. Sabe-se que

GRAVEI tua figura
Em uma gota de água
Lancei a gota de água
Num pequenino arroio
O arroio foi rolando
E perdeu-se num rio
O rio entrou no mar
Depois te fui buscar
E te achei dividida
Teus cabelos ficaram

Numa curva do rio
Teus braços me chamavam
Feitos ramos de uma árvore
As pernas completaram
Um corpo de sereta
Que ansiava ser mulher
De teu tronco nasceram
Algas e caracóis
Achei teus olhos garços
Em uma madrepérola

Teu variq coração
Um peixinho de ouro
Alimentou-se dele
(Hoje no mar é rei
Por tão feliz lagarha).

Como estou sem teus beijos
— A um tempo mel e sal —
Bebo a água do rio
Bebo a água do mar.

GOTA DE AGUA

HOMERO ICAZA SANCHEZ

(Tradução de Manuel Bandeira)

VARIAS

APRECIACÃO DE SANDBURG

CHARLES J. ROLO, crítico da revista americana "The Atlantic Monthly", apreciando o romance publicado no fim do ano passado pelo poeta Carl Sandburg, sob o título "Remembrance" Rock, espécie de pintura mural da vida americana durante cerca de três séculos diz que, sob alguns aspectos, é quase um sacrilégio criticar o livro. "A sinceridade e o espírito generoso de Sandburg exigem respeito; cada página é um apaixonado hino em favor da América". Ainda assim admite que os tipos são convencionais e que a história segue os modelos que Hollywood popularizou através o cinema.

MESA REDONDA PARA DISCUTIR UM LIVRO DE GILBERTO FREYRE

VAI se realizar em São Paulo uma Mesa Redonda para estudar e debater o livro "Ingleses no Brasil", de Gilberto Freyre. Procurar-se-á, nessa reunião de intelectuais, discutir as influências exercidas pelos britânicos sobre os usos e costumes brasileiros, enfim, sobre a coletividade patricial.

EDUARDO FRIEIRO PASSOU PELO RIO

DE regresso de Buenos Aires passou pelo Rio o escritor Eduardo Frieiro, uma das figuras destacadas do ambiente intelectual mineiro. A passagem de Frieiro pelo Rio, durante o Carnaval, impediu a reportagem de ouvi-lo sobre suas impressões de Buenos Aires, ele que é um dos nossos especialistas em literatura hispano-americana.

ATIVIDADE DE SINCLAIR LEWIS

NOME bastante conhecido dos leitores brasileiros, através de "Babbitt", "Arrowsmith", "Dodsworth" e outros romances já traduzidos para o português, Sinclair Lewis acaba de

entregar ao público americano mais uma história, sob o título "The God-Secker". A crítica, como sempre, está dividida no julgamento do volume. Se alguns vêem a volta de Lewis ao padrão médio americano, que tanto satirizou, outros encontram que se trata de uma tentativa fracassada. Fora de dúvida porém, que Lewis não tem produzido, nos últimos anos, nada que se iguale em qualidade, a alguns dos livros inicialmente referidos.

OS TRADUTORES SE DEFENDEM NA FRANÇA

EXISTE na França uma Associação Profissional de Tradutores Literários e Científicos da qual é atualmente presidente Georges Fillement, que tem traduzido para o francês várias obras de língua espanhola.

Como se vê, os tradutores na França se agrupam para a defesa dos seus direitos. Eis um exemplo para o Brasil, onde eles são, em geral, tão mal pagos.

POESIA

CIRO VIEIRA DA CUNHA, autor de dois livros de versos — "Espera Infinita" e "Alguma Poesia" — acaba de entregar a uma editora do Espírito Santo os originais de um terceiro, que se chamará "Canções da Tarde". Declara que será o último. Vamos desejar, porém, que não se encerre tão cedo a carreira poética desse vate capixaba que é, por certidão de nascimento, paulista.

"A EUROPA TRANQUILA", DE MARIO GRACIOTTI

MARIO GRACIOTTI, que ainda há pouco nos deu o livro "O homem plural", acaba de publicar agora "Europa tranquila", interessantes impressões de uma viagem ao Velho Mundo, em companhia de Plínio Salgado, Manuel Mendes e Joaquim Carlos Egídio de Sousa Aranha. Essas impressões são escritas, porém, com tanta simplicidade e com um gosto tão vivo do pitores-

co que podem ser lidas com igual interesse pelos adolescentes e pelos adultos. O livro contém 36 capítulos, na maior parte dos quais o autor se ocupa de aspectos e paisagens da Itália, sendo ilustrado por Vicente De Grado.

FERREIRA DE CASTRO EM FRANCÊS

O ESCRITOR português Ferreira de Castro é, de certo, na moderna literatura do seu país o nome mais conhecido na França. Aliás, de há muito que ele vem permanecendo nêse país, ora na província, ora na Cidade Luz, onde a sua estada é sempre pretexto para entrevistas. Ferreira de Castro já tem vários dos seus romances traduzidos para o francês, inclusive a famosa "Selva", que sob o título de "Forêt Vierge" oferece aos leitores franceses uma visão alucinante da floresta amazônica. Também "Emigrante" e "Terre Froida", este último de caráter regionalista, desenrolando-se numa das regiões mais típicas de Portugal, já atraíram a atenção do público da França. Ferreira de Castro não se esquece do Brasil, mostrando sempre interesse pela nossa moderna literatura. Ainda há pouco ele respondeu muito amavelmente a um periódico de novos, onde lhe transcreveram uma página sua.

WASHINGTON IRVING

A COMPANHIA Melhores momentos de São Paulo está anunciando uma nova edição das "Histórias Maravilhosas da Alhambra", coletânea de narrativas hispano-árabes de Washington Irving, em tradução de Mário Donato. Esta obra foi publicada anteriormente pela Editora Cultural, hoje desaparecida, com excelente apresentação gráfica.

GEOGRAFIA E FICÇÃO

A GEOGRAFIA NA LITERATURA DE FICÇÃO é o título do interessante trabalho do engenheiro Moacir Silva,

publicado no "Boletim Geográfico", editado pelo Conselho Nacional de Geografia (N. 68, setembro de 1948). Depois de explicar minuciosamente pontos de vistas diversos sobre o tema, o autor examina trechos e descrições de alguns romancistas, entre os quais destaca Abel Botelho e Ferreira de Castro. A tese defendida é a de que a literatura de ficção pode ser "auxiliar precioso na didática da geografia, pela escolha de trechos convenientes para servir como "leituras geográficas".

A "ARTE POÉTICA", DE REYNALDO BAIRÃO

"POESIA muita — Poesia nenhuma", chama-se o volume de versos de Reynaldo Bairão, jovem poeta paulista que até hoje ainda não encontrou a compreensão devida ao seu talento algo estranho (excetuando-se o artigo compreensivo de Sergio Milliet); estranho o título, estranha a poesia, de raiz romântica e expressão hermética. Reynaldo Bairão tem pouco de comum com os seus companheiros de geração: eles são, no fundo, intelectualistas, exprimindo-se em formas de neo-classicismo; ele é romântico, sem dúvida, de um romantismo instintivo e indisciplinado — e para disciplinar esse seu instinto poético não escolheu as formas de expressão tradicionais e sim inteiramente pessoais. A poesia de Reynaldo Bairão retoma caminhos que o modernismo — como assustado por sua própria audácia — deixou no meio. Parece-se com um jardim cheio de frutas esquisitas, brilhantes como pedras preciosas, talvez sejam frutas proibidas em todo caso: um mundo diferente. Essa poesia, antes de ser "julgada", coloca-nos diante de um problema: quanto a maneira de que o poeta transformou em formas assim sua experiência íntima. E é apenas isso o que pretendi fazer nesta nota: abrir o discussão em torno da Arte Poética de Reynaldo Bairão.

ANABASE DE St. JOHN PERSE

(Tradução e nota de MARIA DA SAUDADE CORTESÃO)

ANABASE, o extraordinário poema de St. John Perse, de que abaixo traduzimos um fragmento, descreve os monumentos duma grande massa migratória nos plainos desolados da Ásia, as caminhadas pelo deserto, as etapas, a chegada a novas terras, a fundação da cidade, as festas, o repouso e de novo o inquieto desejo da partida.

St. John Perse, dos mais pessoais e dos maiores entre os poetas franceses contemporâneos — emprega aqui um método descritivo, muito seu, que, assumindo embora, a forma exterior da prosa, não deixa de ser poesia e da mais alta, método onde a continuidade das imagens soltas, dispare, sem encausamento lógico mas correndo num mesmo sentido como um rio subterrâneo, acaba formando uma coisa

só uma unidade mais vasta que a da percepção imediata. É uma paisagem fora do espaço, se desenrolando sem tempo, passagem lisa e funda como um espelho, em que através da superfície quieta se agitam formas a um tempo reais e intangíveis: pedras, charnecas horizontes; o bronze, o ocre, o despoimento branco do sal; grandes massas se movimentando com a iniludível precisão e a maciez do sonho; a multiplicidade duma migração humana desfilando, contemplada na peça d'água à beira do caminho.

O efeito final é o duma força encantadora, obtida não como é frequente em poesia, pela música, a obsessão a recorrência dum ritmo, mas sim, como na dança, pelos véus que cobrem e descobrem, pelo afastar-se e o aproximar-se, pelo movi-

mento incessante e ondulado, pelo fluir, pelo desenrolar, pelo ir...

T. S. Eliot, que transpõe o poema para o inglês, diz no prefácio dessa tradução: "Estou persuadido que se trata duma obra de importância igual à que assumem os últimos escritos de James Joyce: tão preciosa quanto "Ana Livia Plarabel"; o que, na verdade, é colocá-la muito alto".

Não podíamos invocar maior testemunho que o do grande poeta, detentor do prêmio Nobel deste ano.

"Anabase" foi traduzido em italiano por Giuseppe Ungaretti; a tradução alemã foi prefaciada por Hugo von Hofmannsthal, e a russa por Valéry Larband. Foi também vertido para o espanhol e o romeno.

Damos a seguir o capítulo ou o canto VII.

NEM sempre habitaremos esta terra amarela, nossas delícias. O Verão, mais vasto que um império, suspende nos plainos do espaço uma arquitetura de climas. A terra em sua eira rola até aos bordos uma braza pálida sob cinzas — cor de enxofre, de mel, de coisas mortais, a terra inteira de ervas, incendeia-se nas palhas do passado inverno — e da esponja verde duma única árvore a terra tira seu suco violeta.

Lugar de pedras e mica! Nem uma semente é pura nas barbas do vento. E a luz como azeite. Da fenda das pálpebras à linha da cunha me unindo, conheço a pedra mosqueada de ouvidos, os enxames do silêncio nas colmeias da luz; e meu coração se desvela por uma família de acrídios...

Camelas mansas na tosquia, crivadas de cicatrizes malva, que as colinas caminham sob os dedos do céu agrário — que um silêncio caminham sob as incandescências pálidas do plaino; e se ajoelham por fim na fumaça pálida dos sonhos, já onde os povos se anulam na poeira morta da terra.

Oh grandes linhas calmas que se perdem no azulado de vinhas improváveis... A terra em vários pontos amadurece as violetas da tempestade. E essas nuvens de areia que se levantam dos rios mortos, como muralhas de séculos andando...

Abaixem a voz pelos mortos, abaixem a voz na manhã. Tanta doçura no coração dos

homens não encontrará nunca sua correspondência?... "E" a ti que falo, minha alma! minha alma invadida pelas trevas dum perfume esquivo". Grandes pássaros terrenos navegando a oeste, imitam belamente nossas aves do mar.

A oriente do céu palidíssimo, como um lugar santo marcado pela tônica do cego, nuvens calmas se organizam, onde rodopia o cancer da canfora e do corno... Fumo que um sopro nos disputa! A terra em suas barbas de inseto, espera, a terra gera maravilhas...

E ao meio-dia, quando a árvore da jujuba faz explodir o alicerce dos túmulos, o homem desce as pálpebras e refresca a nuca nas passadas eras... Cavalgadas do sonho na poeira morta... oh estradas vãs que um sopro levanta até nós! Onde, onde os guerreiros que velavam os rios em suas nupcias?

Ao ruído das águas em marcha sobre a terra, todo o sal da terra estremece nos sonhos. E súbito, ah súbito que pretendem de nós estas vozes? Erguei um povo de espelhos sobre o ossuário dos rios, que eles interjeitem o apelo na continuidade dos séculos! Levantai pedras à minha glória, levantai pedras ao silêncio, e suscitai para guarda destes lugares, a cavalaria de bronze verde sobre as largas vias!

(A sombra dum pássaro imenso atravessa meu peito).

Notícias

OBRAS COMPLETAS DE
ASCENSO FERREIRA

POR iniciativa de um grupo de amigos do poeta, tendo à frente o sr. Sousa Barros, sairá este ano um volume de poemas de Ascenso Ferreira com toda a sua produção até hoje publicada e mais o que está inédito, além de um disco com alguns poemas musicados que irão anexos à edição das "Obras completas" desse grande intérprete da poesia nordestina.

O livro do poeta pernambucano Ascenso Ferreira, graficamente bem feito, terá, ainda, o privilégio de um prefácio do seu colega Manuel Bandeira estudando o irmão recifense no seu lirismo ingênuo e perfumado com o aroma dos canaviais de Pernambuco. Esperemos, pois, confiantes a prometida edição das "Obras Completas" do poeta mais representativo da civilização canavieira do nordeste.

OS MISTÉRIOS
DA GUERRA

EM tradução de Ledo Ivo, a editora "A Noite" publicou um sugestivo livro sobre a última conflagração "Os mistérios da Guerra" de Raymond Cartier. É ao mesmo tempo uma história secreta da Alemanha da vida privada e da delirante vida pública de Adolf Hitler.

As figuras principais da tragédia têm sua história narrativa de envolta com os acontecimentos, a base do material levado ao julgamento de Nuremberg, e dos diários, da correspondência e dos depoimentos.

A JORNADA

O ESCRITOR Erico Verissimo já se encontra elaborando a segunda parte do seu livro A JORNADA, o romance que, segundo as suas próprias palavras, é o livro que sempre desejou mas temeu escrever.

A JORNADA é uma espécie de drama épico onde o autor de O RESTO É SILENCIO reúne os tipos fundamentais da história do Rio Grande do Sul, fazendo um apanhado das suas tradições e dos seus costumes.

O Problema da Arte Abstrata

ENRICO CAMERINI

Os círculos intelectuais de São Paulo estão sendo agitados, nestes últimos tempos, por um movimento "anti-abstracionista". E, segundo nos relatam os jornais, no Congresso Internacional de Críticos de Arte, realizado em junho deste ano em Paris, foi debatida a questão "Abstracionismo e Realismo".

Ainda há poucos dias, o pintor Di Cavalcanti combateu esta corrente da Arte Moderna numa conferência realizada na "Sociedade Amigos do Livro", durante o "I Salão de Belas Artes da Lapa".

Num forte ataque à arte abstrata Di Cavalcanti misturou tudo o que há de errado nas atuais tendências da pintura, e soube apontar com habilidade, de inteligente e experimental profissional, todos os defeitos dos pintores mais avançados de hoje.

De fato, estamos atravessando uma crise. Os artistas têm-se afastado da grande massa, e como consequência não têm

tido público suficiente para justificar sua atividade. Consequência secundária por ser apenas de ordem prática. A ordem espiritual é bem mais grave: a arte que se faz hoje em dia está à margem da vida e da sociedade. O público não pode compreendê-la, não pode chegar às alturas da "turris eburnea" na qual o artista egoisticamente se fecha. Esta não se importa com o grande público, que, em sua opinião, só constitui o lastro da humanidade. A história, pensa ele, é feita por aquele 0.5% que pensa e que, apesar de apedrejado e vaiado, continua em sua fãlha.

Mas o artista, elemento insensível de uma sociedade, criador do testemunho da sua cultura, destinado a atravessar os séculos, a fim de exprimir os sentimentos e as anseidades dos homens seus companheiros, deve ser, antes de mais nada, um "homem" como eles. Deve viver a vida, com seus pequenos gosos e proble-

mas; vivê-la dia a dia, através de todos os bons e maus momentos, que, isolados, são por menores, sem maior importância, mas, reunidos, formarão um maravilhoso e apaixonante mosaico. E deve também compartilhar das mesmas angústias e das mesmas dúvidas dos seus companheiros.

De todos, é o artista aquele que menos direito tem de se evadir. Seu dever de viver o mais intensamente possível, sendo dotado de uma sensibilidade excepcional, capaz de fixar e interpretar os problemas, os sofrimentos, as alegrias enfim, a "vida" dos outros, jámais deve abandoná-los.

O ponto de vista de Di Cavalcanti é digno de respeito. É uma tentativa de volta a uma arte cujo conteúdo em forma, ou na qual a forma melhor se adapte ao conteúdo. É admirável num homem que já completou uma experiência de vida, cheia de conquistas e de vitórias, este anseio por alguma coisa de mais profundo, de mais sólido, e principalmente de mais humano.

Mas eu pergunto: que tem tudo isso a ver com o abstracionismo?

Numa recente discussão com Sérgio Milliet chegamos à conclusão de que a divisão entre "arte figurativa" e "arte abstrata" não pode ser usada de modo absoluto. Esta classificação é justificável por motivos didáticos: arte figurativa é aquela que parte da figura ou que, em seus resultados, a ela se assemelha com maior ou menor exatidão; arte abstrata, pelo contrário, é aquela que abdica de todo e qualquer parentesco com o mundo real e palpável que conhecemos.

Mas a arte, de um certo modo, é sempre abstrata, pois nunca "é" a natureza, nem a reproduz fielmente: apenas a interpreta. É portanto, sempre uma criação da fantasia onde entram em jogo elementos sugeridos pela realidade que uma vez passados ao uso do artista, perdem sua qualidade real e concreta de "objetos",

para se tornarem elementos de um problema estético. "Vocês pensam — disse certa vez Picasso — que me importo com o fato de um certo quadro meu representar duas pessoas? Apesar dessas duas pessoas terem existido para mim no começo, elas não mais existem. Sua "Imagem" provocou-me uma emoção preliminar; depois, pouco a pouco, sua presença real torna-se confusa. Elas evoluem para uma ficção e repentinamente desaparecem ou antes transformam-se em toda espécie de problemas. Não são mais duas figuras, mas formas e cores".

Os problemas essenciais são os mesmos para o abstracionismo e para o figurativismo. Classificar separando ambos será o mesmo que dividi-lo segundo seu assunto. Teremos então a paisagem (que pode ser uma marinha, uma paisagem urbana, uma paisagem de ruínas), quando o pintor parte de um aspecto da natureza; teremos o retrato, quando o ponto de partida for a fisionomia de uma pessoa, com intenção de "documento", procurando, portanto, a semelhança; teremos a natureza morta, na qual se usam arranjos de objetos de uso comum; teremos a pintura de "gênero", a pintura religiosa, o nu artístico, a cena mitológica, a figura, e por último a pintura abstrata, aquela que toma como ponto de partida formas e cores que não têm nenhuma relação aparente com nosso mundo real e palpável.

Todos estes gêneros de pintura, se são Pintura — com P maiúsculo — procuram sempre a expressão de um sentimento pictórico por meios puramente gráficos — linhas, cores, claro-escuros, massas, volumes, planos, etc. Esta classificação pode ser muito útil a um estudante de história da arte ou a um professor de ginásio, mas não tem grande utilidade quando a discussão passa para o campo da estética.

Naturalmente devemos tomar o maior cuidado ao julgar a arte abstrata pois ela oferece possibilidades mais amplas aos desonestos e cabotinos,



MULHER NA JANELA — Tela do pintor Cicero Dias (Coleção O. R. C.)

do que a arte figurativa: é muito fácil juntar quatro cores sem sentido algum, e despachá-las, com sério prejuízo dos menos avisados, como "arte abstrata".

Mas arte é arte. Um arte, quem de Picasso ou uma composição de Kandinsky estão no mesmo plano e não há classificação que possa separá-los.

Porque então Di Cavalcanti não desejar uma arte menos exotérica e mais humana, opõe-se aos "abstracionistas", e não aos "paisagistas" ou aos "realistas"? Terão uns, maior culpa que os outros?

A culpa, se é que culpa existe, não é dos artistas, mas da sociedade da qual os artistas são produto. Mais do que uma culpa é um estado de coisas determinado pelas circunstâncias a que ninguém pode se furtar.

Se a grande maioria dos homens não compreende um quadro de Kandinsky não creio que possa compreender o "Arlequim" de Picasso. Um e outro tem os mesmos problemas plásticos; um e outro são pinturas. Os que dizem compreender Giotto, realmente só "gostam" de suas obras: não as compreendem. Em arte não basta "gostar". Deve-se ir mais fundo. Arte não é um passatempo, não é uma diversão: é produto de uma conquista espiritual, é a alma desnuda de um homem que vive. Um quadro não pode ser colocado no mesmo plano dos cromos de cozinha, que as mercearias distribuem tão largamente, para o encanto das cozinheiras.

A arte espera mais do seu espectador do que aquele ingênuo "como é bonito!" ou "que lindo!" Ela pode contar-nos de perto. E preciso sentir um quadro em toda sua intensidade, em todo seu drama.

Infelizmente, talvez a grande massa nunca poderá chegar a esse ponto. Giotto era aceito porque pintava cenas religiosas e era de cenas religiosas que seus contemporâneos andavam sedentos. Mas poucos os o compreendiam. Até hoje poucos o compreendem como artista e como homem, e não apenas como artezão de imagens sacras.

Se devemos pintar para que o público nos aceite, podemos fazer muitos homens mutilados, muitas crianças chorando, muitas mães mortas ao lado de seus filhos. Podemos até fa-

zer cartazes de propaganda gravar em letras enormes sobre todas as paredes do mundo os "slogans" que mais convêm aos políticos.

Isso, porém, de nada nos serviria.

Pintura sempre foi a mesma coisa desde os primários até aos abstratos. O assunto importa pouco. O que importa é quanto do artista está nas pinceladas de um quadro. A chamada "pintura social" não

se sustenta pela temática: na hora do julgamento se exigirá dela muito mais do que isso. O problema que nos preocupa, este da marginalidade da arte de nossos dias, não encontra a sua solução tão facilmente.

Nossas mesquinhas lutas entre abstratos e figurativistas, e as pretensões dos críticos de todo mundo, que em junho se reuniram em Paris, querendo

determinar qual a corrente que deve seguir e pretendendo condenar esta ou aquela tendência, não passam de uma estéril perda de tempo. Entre nós esta perda de tempo não é somente estéril, mas também prejudicial. Em virtude da compra e venda da arte moderna estas coisas, tanto atrasada em nosso meio, deveríamos preocupar-nos com a explicação e a afirmação dos problemas básicos.

Balada Angustiada do São Francisco

CLOVIS MOURA

O céu vai andando
sobre torres mágicas
e gritos junjentes
que a noite desliza.
Velhos mastros pendem.
A água se mira
em estrelas e insetos.
Violão se estiola.
Hora do silêncio.
Vozes compassadas
cavalgam na hora.
Dedos erguem gotas
de bebidas virgens.
São Francisco Pleno.
Rio amarguras
de olhos e tracoma:
negros caminhando
sobre o metal brilhante.
Índio, lenda, morte,
reflexo patético
de todas as mortes.

E o rio, só rio silêncio, sol a
[pino.

— Velhas mortes pesam

Histórias e cantigas
no rio de contos.
"Barranqueiro" morto,
mito, vozes flácidas
"nêgo dagua", "mula",
ansombrão palúdica.
Índio, lenda e morte,
rio de silêncio,
silêncio pesado
que a noite carrega.
Reino dos finados.
As vozes e as notas
se perdem: d efome,
de fome pulada
sem tecnicolor.
Faca tiro, choro:
agricultura afogada!
Cruz, grito, mistério.

E o tempo encachaçado
rolando por fora

dos dedos descrentes
do velho barqueiro.
Reflexos lilazes
na face do grifo
da proa do barco.
Viólas e fome,
sangue ensanguentado.
Bocas de eucalipto
rasgando formol.
Barrigas gigantes
rasgando paisagens.
Margens de folhagens
orvalho de sexo.
Tristeza centrípeta,
fumaça meus olhos.

Pleno coração!
Tiro de espingarda
na boca de Cristo.
Labio destilado
de grandes palavras.
Viólas e fome...
Sangue ensanguentado
sem tecnicolor:
— São Francisco pleno!

Pleno labio frio
na boca da morte;
Orvalho-meus sexo
desfeito em batráquios
e peixes de vidro.
E fome nos olhos,
nos braços, nas pernas,
no peito, no sexo,
na reza e no canto.
Canina voragem,
Bocas de eucalipto
pedindo sutilezas,
arminho, fanfarras
ou balsamo simples.

Na boca da noite
perpassa a caminho
do suor o rio:
noite quase firme,
silêncio total.

— Pleno São Francisco!

Jz. 18.VI.47.



A BIBLIOGRAFIA DE STENDHAL

Só a edição levada a cabo pelo incansável stendhaliano Henri Martineau nas edições de Le Divan, merece o nome de Obras Completas, pois nos oitenta e tantos volumes que compreende (entre os quais dez de correspondência) se encontra não só tudo quanto se publica já, mas novas inéditas cuja importância se pode avaliar pelo número de volumes.

Entre as obras inéditas de Stendhal, as mais importantes são indiscutivelmente o grande romance Lucien Leuwen (ou Le Rouge et le Blanc), que não está concluído, e é todavia considerado por parte da crítica como o maior romance de Stendhal, e as extraordinárias obras autobiográficas: Souvenirs d'égotisme e La vie de Henri Brulard, esta sobretudo contendo páginas inigualáveis de observação e análise. Obras publicadas em vida de Stendhal: "Vies de Haydn, Mozart et Métastase" (1814); "Histoire de la Peinture en Italie" (1817); "Rome, Naples et Florence" (1871); "De l'Amour" (1822); "Racine et Shakespeare" (1823); "Vie de Rossini" (1824); "Armance" (1822); "Promenades dans Rome" (1829); "La Rouge et le Noir" (1831); "Mémoires d'un touriste" (1838); "La Chartreuse de



Inédito de Augusto dos Anjos

NA RUA EM FUNERAL, E-LA QUE PASSA,
A ROMARIA ETERNA DOS AFLITOS,
A PROCISSÃO DOS TRISTES E PROSCRITOS,
DOS ROMEIROS SAUDOSOS DA DESGRAÇA.

E NA CHOÇA, LAMÚRIA QUE TRASPASSA
O CORAÇÃO; ALÉM ÂNSIAS E GRITOS,
MATOS QUE ARQUEJAM SÔBRE OS POBRESITOS
FILHOS QUE A FÔME DERRUBOU NA PRAÇA.

ENTRE TODOS PORÉM, LÂNGUIDA E BÉLA,
DA JUVENTUDE VIRGINAL CAPÉLA,
A LHE CINGIR DE LUZ A FRONTE BACA

VAI CORINA MENDIGA E ESFARRAPADA,
A ALMA SAUDOSA PELO AMÔR VIBRADA
A ESTRÊLA MATUTINA DA DESGRAÇA...

Este soneto, que não está no "Enxame e outras poesias", foi gentilmente cedido ao **CORREIO DAS ARTES** pelo dr. Oscar de Castro, que possui ainda mais de 20 poemas inéditos de Augusto dos Anjos. Pretendemos publicar toda a coleção em números seguintes deste suplemento.

A ilustração é de Arnaldo Tavares.

O Conceito da Mentira

PEDRO DANTAS

PODE haver vantagens consideráveis, se a realidade não corresponder a uma antecipação de futuro. O profeta anuncia: "Estamos perdidos. Um cataclisma nos destruirá antes da lua cheia". Vem a lua cheia e não há cataclisma, ótimo. Grande alegria geral, inclusive para o profeta, que explicará sem dificuldade como o cataclisma foi afastado, por ter ele, profeta mentido empenho junto dos deuses.

A antecipação de evento futuro, que nem sempre se verifica, e o fator mais próprio para tornar consciente a possibilidade de dissociar o esquema de um acontecimento da verificação desse acontecimento. Aprendemos que é perfeitamente possível criar o esquema sem que a realidade lhe corresponda. Ora, como por outro lado, mesmo que o esquema seja construído segundo uma realidade, segundo um acontecimento já verificado, a correspondência não é e não pode ser perfeita (em artigos anteriores procuramos fazer essa demonstração), esses dois elementos combinados, impossibilidade de correspondência rigorosa, mais possibilidade de absoluta falta de correspondência, criam a dissociação psicológica entre os esquemas de acontecimentos e ações e as próprias ações, os próprios acontecimentos realmente verificados. A renúncia à veracidade evolui, assim, de uma desistência por incapacidade, para uma conquista intelectual.

Se, por mais que nos esforcemos, não conseguimos, mesmo, de modo algum, obter um esquema rigorosamente correspondente à realidade dos fatos; se, além disso, não ignoramos que, embora possa não haver nada de comum entre o esquema de um pretendo acontecimento e o próprio acontecimento, nem por isso se modificam as condições de vida na face da terra — segue-se, muito normalmente, que aprendemos a tomar certa liberdade com os esquemas que elaboramos, desprezando-nos da sua fidelidade, ou, mesmo, sujeitando-os a um trabalho de revisão e aprimoramento em outro sentido. Podemos passar a colaborar nos acontecimentos, a corrigi-los conforme as nossas conveniências ou o nosso prazer.

Tomamos, como exemplo, o seguinte: vi um leão, tive medo e fugi, célere, mata a fora, antes que ele também me visse: esta a realidade.

Acontece, porém, que pertencemos a um clã, uma tribo ou nação de caçadores de feras. O esquema veraz da realidade teria para mim consequências de ordem social, e das mais desagradáveis. Poderia ser, digamos, ligeiramente morto pelos sócios, pela minha gente — solução que me importa evitar. Sabendo que a correspondência efetiva, entre o acontecido e o esquema que vou apresentar como sendo o que lhe corresponde, não é uma fatalidade inexorável, permito-me retocar a realidade, introduzindo nos fatos, que meu esquema vai suscitar ante os olhos da imaginação dos que não estavam presentes quando ele se deu, algumas leves modificações. Direi, portanto: "O leão, quando me viu, fugiu". Modificação que poderá me transformar em herói nacional, sem maiores inconvenientes para o leão.

Dizia Rémy de Gourmont que a descoberta da mentira era uma das conquistas máximas da inteligência, um dos marcos fundamentais da evolução da cultura humana. Mais importante do que a domesticação do fogo ou a dos animais. Não era um paradoxo, era uma verdade para a qual não se costuma atentar suficientemente, pelo hábito, que nos ficou, de considerarmos a mentira do ponto de vista moral e social, exclusivamente, desprezando o seu conteúdo filosófico. Realmente, é a este que é preciso ter em vista, para que se considere a mentira uma admirável invenção, como propunha Gourmont.

O péssimo conceito em que é tida a mentira pelos moralistas resulta do seu grosseiro rebaixamento pelo mais evidente mau uso. Restabelecida na sua dignida-

de primitiva, ela é, com efeito, uma das mais extraordinárias conquistas intelectuais obtidas pela humanidade graças ao processo, que temos estudado nestes artigos, de reduzir a esquemas, por meio de gestos-sinais (que nada mais são, em suas origens, do que abreviaturas de atos e comportamentos), os atos e comportamentos relativos a situações reais, a acontecimentos verificados, que, através desses esquemas, se tornam presentes onde e aos que estavam ausentes, ao se verificarem tais acontecimentos.

É fácil compreender que, no desenvolvimento dessa técnica de tornar presente o ausente, a mentira é apenas um passo, embora de incalculável extensão. Mentir é simplesmente tornar presente o que não só está ausente, no momento mas ainda nunca esteve presente, em lugar e em momento algum.

CULTURA, Uma Revista e um Milagre

(Conclusão da página 5)

EXEMPLO mesmo romper a carapuça burocrática e os vícios da rotina.

Volto agora a "Cultura". Simeão me fala de seus problemas, dos obstáculos que é preciso vencer, facilmente imagináveis. Percebo, contudo, que está contente por ter feito o que fez. O primeiro número da revista está efetivamente primoroso. Falamos, depois, da distribuição, que está sendo cuidadosa ao máximo, para evitar que "Cultura" fique ignorada das instituições, bibliotecas e pessoas interessadas, por esse Brasil a fora. Irá também para o estrangeiro.

— "Cultura" tem que servir de exemplo para o país, — diz-me Simeão Leal. Tem, por isso, que se apresentar muito bem graficamente e melhor no conteúdo. Minha preocupação é uma só: atuar apenas no setor cultural.

NENHUMA INTERFERENCIA

No gabinete do diretor do Serviço de Documentação, me dito comigo que é possível, ainda muita coisa neste país. Um homem pode muito. Pode

realizando, dentro do ambiente oficial, qualquer coisa de duradouro e bom, sem o bolor e as contrafações do costume. Inquirido por mim, Simeão Leal destaca a atitude do ministro da Educação, que nunca interferiu em suas iniciativas, prestigiando-as sempre, procurando estimulá-las em vez de sufocá-las. Basta dizer que o ministro jamais solicitou (o que seria razoável) qualquer publicação ao Serviço de Documentação.

SOLICITADAS E PAGAS

Pretendia ainda salientar aqui outros detalhes da atuação de Simeão Leal à frente de um serviço burocrático. Fico aqui, porém, mesmo por, que a nossa conversa já descambou para outros assuntos e Simeão me conta coisas. Mas é uma outra história, história da Paraíba. Antes, todavia, uma informação final:

— As colaborações para "Cultura" são sempre solicitadas e, como tal, serão remuneradas.

CONTRA OS FILANTES DE LIVROS

O PRIMEIRO Congresso de Editores e Livreiros, entre outras recomendações, considerando que "é costume enraizado pedir livros como obséquio aos autores, editores e livreiros; que estes se vêm acossado por inúmeros pedidos de bibliotecas, clubes esportivos, culturais, etc.", aprovou o seguinte: "RECOMENDA, a autores, editores, distribuidores e livreiros que só distribuam livros de acordo com suas necessidades normais de propaganda e de noticiário bibliográfico".

garganta, a maldição que somos obrigados a sopitar.

Mas a hora do julgamento estético já se aproxima, marcando a grande ruptura: um amigo, um professor descobrem nos certas belezas de um livro que nos teria enfiado se de tal não fôssemos prevenidos. Impomos a nós mesmos a leitura, porque sabemos que ela é bela; depois, somos conquistados pelo ritmo de uma frase e não estamos nunca certos de ter havido razão para isso... Então, começa a série de reconsiderações — que não cessará senão no fim da mocidade — em que cada obra descoberta nos envergonha da que, meses atrás, levávamos às nuvens. Daí em diante, tomamos sempre a atitude de juizes em tudo que lemos. Quer queiramos ou não, obedeceremos em

O ENCANTO DAS LEITURAS INFANTIS

(Conclusão da última página)

nossas repulsas e em nossas admirações a veredictos pronunciados por outros. Mas, secretamente, e até ao fim da vida, estaremos sempre a apelar desses veredictos. Autores, hoje desacreditados, ou inteiramente esquecidos, a os quais amei aos dezesseis anos, tocam-me ainda, em certas horas. Há versos de Sully-Prudhomme que me acompanharão até os últimos dias:

"Mon vrai coeur: celui qui
[s'attache
Et souffre depuis qu'il est né
Mon coeur d'enfant, le coeur
[sans tache
Que ma mère m'avait donné
Ce coeur où plus rien ne pe-
[sort...

D'ou plus rien désormais ne
[sort...
Je t'aime avec ce que mon
[être
A de plus fort contre la mort

Basta o aspecto da coleção de poesias completas de Musset, que eu costumava levar para o fundo do parque e se conserva ainda cheio de manchas de moho — porque o esquecera sob os carvalhos e um aquário, durante a noite, penetrou-lhe as folhas — sim, basta o seu aspecto para me acabrunhar o coração, mas nosso encontro, ao mesmo tempo, o sabor perdido de meus encantos juvenis.

Vivemos, por longos anos, do que subsiste em nós, de se dom da infância, dessa

capacidade de abandono total à narrativa ou ao poema até o dia em que dele já não nos resta mais nada, e em que a leitura de um manuscrito, se nos apresenta como um obstáculo impossível de ser vencido. Os jovens julgam-nos indiferentes ou ingratos. Mas que fazer? Somente as idéias nos retêm ainda. Não é que nos tornássemos insensíveis à ficção ou à poesia; mas nossas próprias reservas de mel bastam-nos, de agora em diante: nossa colmeia interior deixa escapar tudo que, criança ou adolescente, ali recolhemos. Eis por que, se eu não receasse perturbar-lhe a leitura, ficaria horas a contemplar o escolar em blusão escuro, quando ele se curva sobre a "Ilha Misteriosa", como sobre uma fonte em que se abeberasse, o rostinho doce e resplandecente.

SOL DE SATÂ

O H vós, que nunca conhecestes do mundo senão cores e sons sem substância, corações sensíveis, líricos lábios onde as acres verdades somem-se como bombons, — pequenos corações, pequenas bocas — isto não é para vós. Vossas diabruras dão na medida de vossos nervos frágeis, de vossos preciosos crâneos, e o demônio de vosso estranho ritual não é senão vossa própria imagem deformada, pois todo devoto do universo carnal carrega consigo o seu próprio demônio. O monstro olha para vós, rindo sem deitar-vos mesmo a sua garra. Nem ele está em vossos livros caducos nem em vossas blasfêmias nem em vossas ridículas pragas. Não está em vossos olhares cúpidos em vossas mãos pérfidas, em vossos ouvidos vazios. Não o encontrais ainda em vossa carne irrigada de lubricidade insaciável, pois nos lábios que beijais mordendo, só há sangue aguçado e coruto. Entretanto o demônio está... Está na oração do homem só, em seus jejuns e em suas penitências, nos abismos de seus mais profundos êxtases, na calmaria de seu coração. É ele que envenena as águas lustrais ou arde

na cêra dos altares, mistura-se ao hálito das virgens, lacera com o cilício e a disciplina, corrompendo todos os caminhos. Ainda está nos lábios que se entreabrem no arrependimento da verdade, no êxtase beatífico do justo, povoado de relâmpagos e clarões, até nos braços de Deus ele pode pairar. Dispensa-se de disputar tantos homens à terra, em que se arrastam como animais, esperando que ela os cubra amanhã. Esse rebanho obscuro vai sozinho para seu destino. Na verdade o ódio do inferno está reservado aos santos.

(Georges Bernanos, Sol de Satã, págs. 104 e 105).

"AMBIENTE E ALMA DO POVO RUMENO"

A ESCRITORA Alexandra Hortopan, radicada no Brasil, acaba de publicar um livro sobre sua terra intitulado "Ambiente e Alma do povo rumeno", escrito aliás em português. O aludido volume compõe-se ainda de um ensaio sobre o seu tempo a orienção cujo alto lirismo é analisado com inteligência e sensibilidade. O estudo inicial sobre a Rumânia constitui também um ensaio sugestivo.

O CANTO DE DOR

CLÉLIA SILVEIRA

NA CAPELA ESCURA E FRIA
REPOUSA A MINHA MARIA.
VENHO DA NOITE SOMBRIA,
BÉBADA DE DOR E AGONIA,
PERGUNTAR-LHE, MINHA FILHA,
POR QUE VOCÊ SE MATOU?
SUA MÃE, TRISTE E CANSADA,
AOS SEUS PÉS AJOELHADA
ESPERA, AINDA, ANSIADA,
SUA VOZ QUE SE CALOU.

COM A SUA LIBERTAÇÃO,
MINHA ALMA SE APRISIONOU.
ESTÁ DORMINDO, FILHINHA,
COMO MOÇA QUE CANSOU
DA FESTA, DA VIDA, DO AMOR.
DEITADA, COM AS MÃOS CRUZADAS,
COM O SEU MELHOR VESTIDO,
FEITO COM TANTO CARINHO,
PELAS MÃOS DE SUA MÃE.

MAS VOCÊ ESTÁ GELADA!
E NESTA CAPELA DEITADA?
MINHA FILHA, MINHA FILHA
POR QUE VOCÊ SE MATOU?
ESPERE, VOU CARREGÁ-LA,
VOCÊ AINDA É PEQUENINA.
NOS SEUS TEMPOS DE MENINA,
QUERIA QUE EU A EMBALASSE
E COM TERNURA CANTASSE
CANTIGAS DE ADORMECER.

— MAMÃE, CANTE XÔ-PAVÃO.
— POIS NÃO FILHA, VOU CANTAR:
"XÔ-XÔ PAVÃO,
SAI DE CIMA DO TELHADO,
DEIXA...
MINHA VOZ FRACA, UM SOLUÇO
ESTRANGULOU.
MINHA FILHA, MINHA FILHA
POR QUE VOCÊ SE MATOU?

O Encanto das Leituras Infantis

FRANÇOIS MAURIAC

COMO eu houvesse emprestado "A Ilha Misteriosa", de Julio Verne, a um menino de dez anos, filho de um vinhateiro que trabalha em minha herdade, sua mãe me dizia: — "Não há jeito de fazer com que ele vá para a mesa à hora da refeição, nem que vá se deitar; não quer deixar o livro um só instante". Fui assim como essa criaturinha de blusão escuro que, na modesta cozinha de seus pais, curvado sobre o livro, os cotovelos apoiados na mesa, as mãos arrolhando as folhas, mal er-
gue, para os que entram, seus olhos de visões.

Talvez nunca tivéssemos sido, verdadeiramente, leitores senão nessa época, antes do despertar do espírito crítico, antes de haver adquirido a capacidade de discutir e rejeitar. O valor de uma obra se media, então, para nós, pelo seu poder de encantamento. Se a narrativa não nos absorvesse, a cultura não seria nossa, pois a ela nos entregávamos, sem outra resistência senão a da folha na

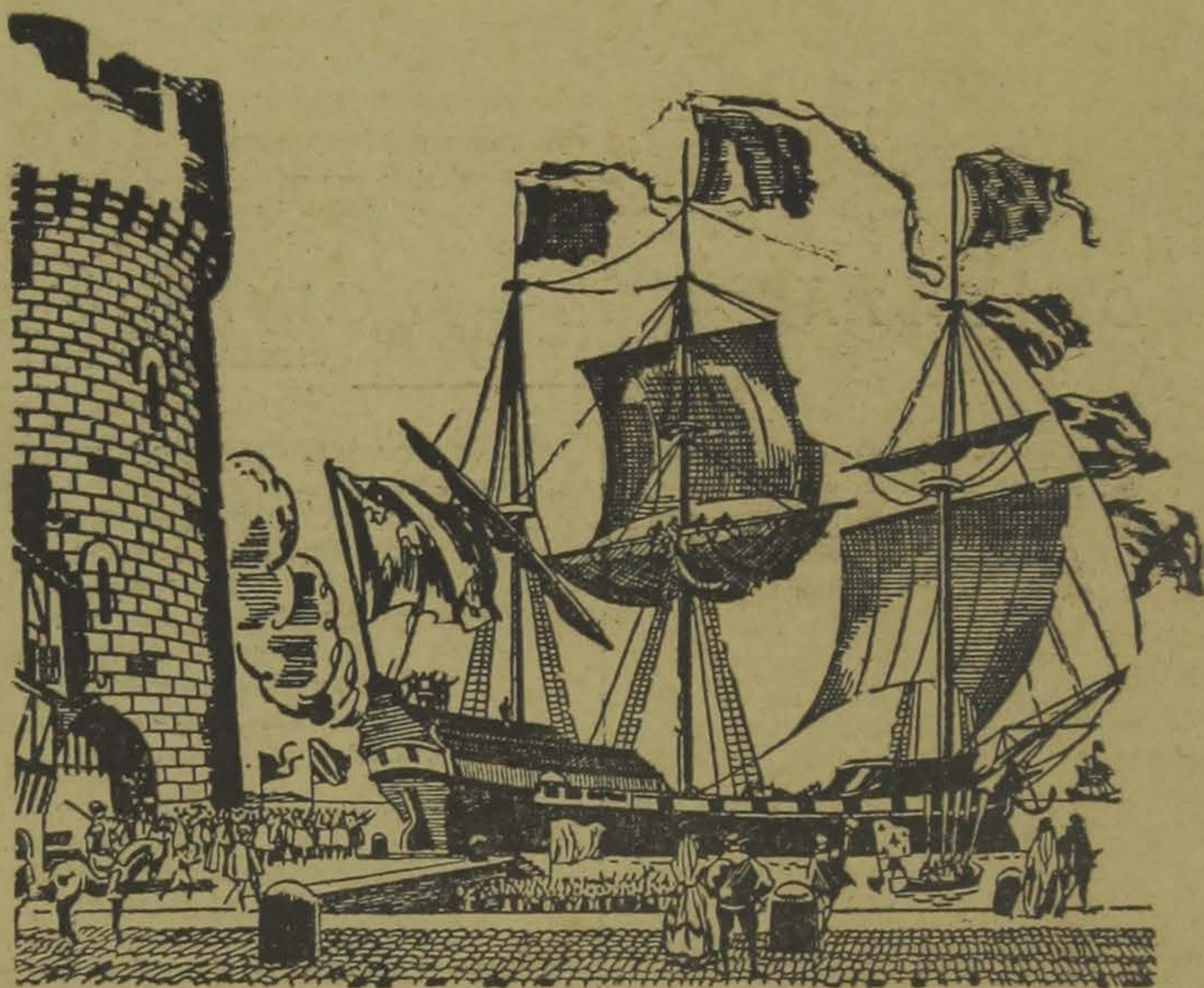
correnteza; era porque o livro, então, não valia nada.

Alguns autores, que há dez anos eu considerava gênios, não me parecem hoje conhecidos por ninguém. Quem se lembra de Alexandre Lamoignon?

Quem lê ainda "Les Camisards", "Les Faucheurs de la Mort" e "Marpha"? Tal era o poder desses livros sobre mim que, como não os encontrava senão na biblioteca do colégio, eles quase chegavam a consolar-me da minha situação de interno (isso acontecia, por vezes, em outubro, quando minha mãe permanecia no campo, para a caça às pombas). No domingo, sobretudo, os internos tinham o direito de uma leitura livre, antes do jantar, e lembro-me do extraordinário prazer com que desfrutava dessas duas horas, ao entorpecente calor da lareira.

Duvido que exista hoje equivalente das revistas in-

fantis da nossa época: "Le Saint-Nicolas", "Le Petit Français Illustré", "Le Journal de la Jeunesse", que costumávamos mandar encadernar e se tornavam para nós fontes de inesgotáveis delícias — inesgotáveis porque a criança tem o dom de releer indefinidamente a mesma narrativa, sem se entediar jamais, e não é só isso: aprecia tanto mais uma história quanto as peripécias lhe são conhecidas e sabe ela conde cada passo a conduz.



Um dos desenhos de Feodor Rojanovsky, do livro AS VIAGENS DE JACQUES CARTIER.

As coleções encadernadas mais antigas nos pareciam sempre as mais belas. Tínhamos emprestado o ano de 1887 do "Saint-Nicolas" a um camaradinho que tivera escarlatina, e, minha mãe, por prudência, guardou durante muito tempo, a coleção no seu armário. Lembrou-me das descrições que meus irmãos me faziam desse ano 87, ainda por mim ignorado: falavam-me dele, como de um país fabuloso de não podia imaginar as maravilhas.

Quando me foi dado, afinal, ali penetrar, não me desiludi: a coleção continha, entre muitas histórias, a de um pequeno lord Fautleroy, com a gravura que ainda vejo hoje, do lordezinho nos braços da mãe e a legenda que não posso ler sem chorar: "Sim, ela tinha sido sempre sua melhor e mais doce amiga".

E' com a puberdade que o encanto da leitura cessa, ou antes, que um outro encanto substitui o da infância. Não é mais a história que nos domina, nós que passamos a dominar a história, encarregando-a, de orquestrar nossos desejos, nossos sonhos, nossa primeira ternura, e sobretudo, de emprestar-nos argumentos, de fornecer-nos razões para o desacôrdo que se agrava entre nós e os outros seres. O que nos importa, então, é encontrar nos livros o queizume que nos ficou na

(Conclue na página 15)